

A Mulher Negra e a Construção da Subjetividade: Reflexões em Pauta

The Black Woman and the Construction of Subjectivity: Reflections on the Agenda

SILVA, Bruna Ingrid de Jesus¹

Resumo

O objetivo deste ensaio é discorrer sobre a subjetividade na construção identitária da mulher negra, tendo por embasamento as noções de sujeito e subjetividade a partir do referencial teórico de Neusa Santos Souza, Nilma Lino Gomes, Patrícia Santana, bell hooks e também pelo nosso sujeito de estudo na dissertação, Luana Tolentino entre outras mulheres que darão voz às nossas (in) conclusões. Ao tratarmos de subjetividade sentimos que o ensaio caberia melhor na proposta a ser realizada. Desse modo, este trabalho é resultado das reflexões oriundas da disciplina “*Subjetividade, constituição do sujeito e formação humana*”, do curso de mestrado em Educação da UEMG (Universidade Estadual de Minas Gerais), ministrada pelos professores doutores Ana Paula Andrade e Fernando Luiz Zanetti. As (in) conclusões apontam que para a construção da identidade do sujeito é necessário realizar debates, assim podemos entender o quanto é importante que nós mulheres pretas façamos nossa parte para a construção de nossa identidade e compreendemos também, como nós seres subjetivos estamos em construção e que se faz e refaz no social.

Palavras-chaves: Subjetividade, Sujeito, Mulher Negra, Luana Tolentino

Abstract

The objective of this essay is to discuss subjectivity in the construction of black women's identities, based on the notions of subject and subjectivity from the theoretical framework of Neusa Santos Souza, Nilma Lino Gomes, Patrícia Santana, bell hooks and also from our subject of study in the dissertation, Luana Tolentino, among other women who will give voice to our (in)conclusions. When dealing with subjectivity, we felt that the essay would fit better with the proposal to be carried out. Thus, this work is the result of reflections arising from the discipline “*Subjectivity, constitution of the subject and human formation*”, of the master's degree in Education at UEMG (State University of Minas Gerais), taught by professors Ana Paula Andrade and Fernando Luiz Zanetti. The (in)conclusions indicate that in order to construct the identity of the subject, it is necessary to hold debates, so that we can understand how important it is for us black women to do our part in the construction of our identity and also understand how we, as subjective beings, are under construction and that we are made and remade in society.

Keywords: Subjectivity, Subject, Black Woman, Luana Tolentino

1 Introdução

As interdições vivenciadas pela população negra é um campo cada vez mais colocado em pauta para discussões e debates. Aqui optamos por tratar da subjetividade da identidade da mulher negra professora, porque ao longo de nossos estudos observamos que essa temática tem ganhado espaço, mas acreditamos que precisamos discutir mais sobre o assunto.

¹Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Minas Gerais, Graduada em letras - Português - pela Faculdade de Santa Luzia. Professora de Português pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e na Instituição Maple Bear. <http://lattes.cnpq.br/5971023004400816> e <https://orcid.org/0000-0002-3118-1495>

Diante de tempos sociais tão difíceis, objetivamos aqui refletir sobre essa condição de ser mulher negra e professora em um país racista, sexista e que nos últimos tempos tem mostrado um total ojeriza pela educação e tudo que a envolve. São tempos sombrios que assolam nosso país, o desinteresse, a falta de compromisso com as camadas mais pobres e fragilizadas da população é assustadora.

É fato, as lutas e as produções intelectuais das pessoas negras são cada vez mais importantes, diante de um Brasil tão necrófilo. Um país, que de tempos em tempos, reabre suas garras colonizadoras, a saber: políticas necrófilas, projetos desumanizadores e práticas de violências contra as gentes brasileiras. Diante de um estado que protege os sonhos opressores da casa-grande, não há outra saída para as vítimas dessas opressões, se não o de se colocar em marchas para acordar essa mesma casa-grande de seus sonhos necrófilos, como destacou a professora e escritora negra Conceição Evaristo²

Quando estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, me vem à memória a função que as mulheres africanas - dentro das casas-grandes, escravizadas - tinham de contar histórias para adormecer a casa-grande. Eram histórias para adormecer. Nossos textos tentam borrar essa imagem. Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos. (Evaristo, 2017, s/p).

É nesse mesmo sentido de borrar, de resistir, de se indignar que Nilma Lino Gomes (2017) destaca que os tempos de políticas necrófilas exigem cada vez mais das (os) docentes e intelectuais negras (os), atitudes de indignação. Pessoas que sejam capazes de transformar suas raivas em lutas coletivas pela superação do racismo. Pessoas que pelas vias das lutas políticas, da produção de novos conhecimentos, da investigação, das demandas escolares e acadêmicas se colocam como sujeitas e sujeitos insurgentes.

Entendemos que a mulher negra, sobretudo a professora não pode se omitir dessa luta antirracista e muito menos sucumbir as impedâncias sócio-históricas estruturais impostas.

Luana Tolentino³ afirma que:

² Entrevista completa, disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/escritoraconceicao-evaristo-e-convidada-do-estacao-plural> (23/12/2017)

³ Entrevista completa, disponível em: <https://youtu.be/m4djQql7L0s> II SEMANA NEGRA DO APUBH - 04/11 - Formação inicial de professores e o trabalho com a Educação para as Relações Étnico Raciais com Luana Tolentino (Mestra em Educação pela UFOP) (04/11/2021)

[...] dizer não, de não aceitar e de fazer frente às tentativas de silenciamento, de deslegitimação, a mediocridade, a esse movimento de pensar a educação pública, a educação básica como uma ferramenta de manutenção das desigualdades sócio raciais que marcam nosso país. Quando eu afirmo o meu orgulho em ser professora, eu estou dizendo não a tudo isso. E estou reivindicando também um outro olhar, um outro lugar para nós professores. Me afirmar como professora é também uma forma de resistir a todas essas dificuldades.

E assim, em diálogo com bell hooks (2013), necessitamos de novas insurgências, a saber: ato ou efeito de se rebelar, principalmente, as mulheres negras que ao longo da história têm sido silenciadas. Para que essas mulheres ganhem voz e se façam ouvir é necessário que elas compreendam o seu papel de agente modificador e interfiram na sociedade, principalmente no seu local de atuação, ou seja, no caso do nosso sujeito de pesquisa a escola.

Ao longo de algumas leituras, temos observado que professoras negras em alguns momentos de suas trajetórias sentem um certo receio de assumir sua negritude e ainda de colocá-la na roda para discussões que poderiam agregar ao coletivo e alunas e alunos muito sobre o combate ao racismo e sobretudo contribuir com informações preciosas sobre a história da África e seus afrodescendentes brasileiros.

Billings (2008, p.50) relata que:

Minha própria experiência com professores brancos, tanto os que estão formando como os mais experientes, indica que muitos se sentem desconfortáveis para reconhecer qualquer diferença nos alunos, especialmente diferenças raciais. Assim alguns professores fazem declarações como 'na verdade, não vejo a cor, vejo apenas crianças' ou 'não importa que eles sejam vermelhos, verdes ou de bolinhas, eu apenas trato a todos como crianças'. No entanto, essas tentativas de daltonismo mascaram um 'racismo inconsciente', uma mentalidade não crítica que justifica a injustiça e a exploração por aceitar a ordem existente das coisas como estabelecida.

Este relato feito por Billings só reforça o que retratamos alguns parágrafos acima quando afirmamos a necessidade de que professoras negras comecem a de fato se impor na educação brasileira para dar voz e significado a trajetória do povo afro-brasileiro e seu lugar de pertencimento, mas para que isso aconteça essas mulheres precisam conhecer suas histórias, construir suas identidades destruídas pela colonização e sobretudo, entender a subjetividade que existe em ser NEGRA, MULHER E PROFESSORA no Brasil.

Então, tendo por objetivo neste ensaio discorrer sobre a subjetividade na construção identitária da mulher negra, tendo por embasamento as noções de sujeito e subjetividade a partir do referencial teórico de Neusa Santos Souza, Nilma Lino Gomes, Patrícia Santana, bell hooks e Luana Tolentino, optamos por dividir o presente ensaio sobre *A Mulher Negra e a Construção da Subjetividade: Reflexões em Pauta* em três momentos, a saber: o primeiro consiste em discorrer sobre o sujeito e a construção da subjetividade a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo da disciplina *Subjetividade, constituição do sujeito e formação humana*. No segundo momento caminharemos por entre as afroreferências, de modo a atingir o objetivo aqui proposto, inserindo na discussão as contribuições decoloniais trazidas por pesquisadoras como Nilma Lino Gomes, Neusa Santos Souza, bell hooks, Luana Tolentino, entre outras. O terceiro momento é destinado a refletir as contribuições teóricas da disciplina para o desenvolvimento do meu projeto de pesquisa que é *Saberes aprendidos pela e na história (docente e intelectual) de Luana Tolentino: Mulher Professora Negra*. Por fim, apresento as (in) conclusões a respeito do objetivo aqui proposto.

2 O sujeito e a construção da subjetividade

Ao longo deste capítulo, tentaremos discorrer um pouco no sentido de buscar entender o que seria a subjetividade que estudamos ao longo das nossas aulas e ainda pensar no nosso sujeito de pesquisa e sua subjetividade.

Para tanto, tomaremos inicialmente por base o significado de subjetividade e sujeito do dicionário online PRIBERAM (2022) e logo em seguida nos basearemos nos teóricos, pois aqui estamos tratando de um ensaio acadêmico, cujo intuito é tentar desanuviar nossas ideias acerca da SUBJETIVIDADE e como ela pode construir um SUJEITO.

Subjetividade:

Qualidade de subjetivo, individual, particular; relativo ou próprio do indivíduo
Qualidade do que expressa pontos de vista e julgamentos de valor da própria pessoa, seus sentimentos e preferências. Condição do que é abstrato, por oposição ao que é concreto, objetivo: subjetividade de uma obra de arte.
[Filosofia] Condição da atividade psíquica que, relacionada com o próprio indivíduo, é tida por ele como sua.
[Filosofia] Estado psíquico e cognitivo do sujeito cuja manifestação pode ocorrer tanto no âmbito individual quanto no coletivo, fazendo com que esse sujeito tome conhecimento dos objetos externos a partir de referenciais próprios.

Sujeito:

Indivíduo subordinado a um suserano, no regime feudal; vassalo, súdito.

Pessoa indeterminada ou cujo nome não se enuncia (por vezes pej.).

[Filosofia] Em epistemologia, esp. a partir do *cartesianismo* e do pensamento moderno, o eu pensante, consciência, espírito ou mente enquanto faculdade cognoscente e princípio fundador do conhecimento p.opos. a *OBJETO*.

[Filosofia] Na metafísica clássica, esp. no *aristotelismo*, ser real, substância, realidade permanente à qual se atribuem transformações, qualidades ou acidentes.

Em nosso caso de estudo optamos pelas definições filosóficas das duas palavras pesquisadas pois seus significados abrangem mais o que buscamos aqui discorrer. Nesse sentido também para um melhor entendimento encontramos junto a estudiosa Kátia Maheirie uma definição para subjetividade que ao nosso entender casou bem com as discussões que tivemos sobre a temática, durante às aulas a saber:

O para-si é o tipo de ser que é para si mesmo, ou seja, é um tipo de ser que estabelece sentidos, significados para o mundo e também para si mesmo. Este tipo de ser já se faz, a princípio, negação dialética do em-si. Se o em-si é presença, o para-si é ausência; se o em-si é positividade, o para-si é negatividade; se o em-si é afirmação, o para-si é negação; se o em-si é imanência, o para-si é transcendência. Então, por meio da consciência, que é o para-si, a subjetividade invade a objetividade, fazendo com que o mundo se constitua em uma “organização” que traz a marca da humanidade. Consciência, para-si e subjetividade são conceitos que se referem a uma mesma coisa: a dimensão do sujeito que é capaz de negar a objetividade (em-si) como uma dimensão absoluta. Neste sentido, consciência é sinônimo de para-si, que é sinônimo de subjetividade. (MAHEIRIE, 2002, p.33)

Pensar na dimensão do sujeito como nos descreve a autora acima, é entender que não trataremos aqui de algo objetivo. O sujeito constrói sua dimensão de mundo e ideias, criando uma organização sua e única, trazendo à tona as marcas da humanidade para si. Ao pensar na subjetividade de uma mulher negra na construção do sujeito é que Neusa Santos Souza (2021) nos diz que o negro se torna negro quando ele, de fato, assumi sua negritude e passa a aceitar a sua condição, mas, ao afirmar isso, entendemos que o sujeito é uma construção do que acredita ser ou melhor necessita ser para estar inserido no mundo a sua volta.

A construção desse sujeito vai depender da sociedade na qual ele absorve o mundo à sua volta e faz com que tenha algum sentido para si. Mansano (2009, p.111) reafirma que:

[...] vemos que a subjetividade é por ele compreendida como um processo de produção no qual comparecem e participam múltiplos componentes. Esses componentes são resultantes da apreensão parcial que o humano realiza, permanentemente, de uma heterogeneidade de elementos presentes no contexto social. Nesse sentido, valores, ideias e sentidos ganham um registro singular, tornando-se matéria prima para expressão dos afetos vividos nesses encontros. Essa produção de subjetividades, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva.

Entendemos que a subjetividade apesar de ser algo pessoal, ela também se constrói no coletivo, o sujeito apesar de ser único, não se vive e constrói sua história por si só e ao mesmo tempo acaba por colaborar com a construção de outros indivíduos mas, é necessário ressaltar que somente o sujeito é responsável por essa construção.

E assim dando sequência a nossa busca pelo que seria a subjetividade é que esclarecemos a nossa opção de referências bibliográficas femininas são para a compreensão de nossas (in) conclusões essenciais, mas não poderíamos deixar de trazer a essa discussão pelo menos uma das referências que discutimos no semestre e ficamos com Deleuze e Guattari que afirmam:

Indivíduos ou grupos somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não tem a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, e talvez, com efeito, haja uma que seja, não determinante, mas que importe mais do que as outras... se estiver presente. Pois todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida. (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p.76).

Ao analisarmos a citação escolhida, encontramos nela a subjetividade que estamos tratando ao longo deste capítulo, entendemos que os indivíduos definidos pelos autores são atravessados pelas subjetividades da vida ao longo de sua construção como sujeitos. Como Mansano (2009), Deleuze e Guattari (2004) entendem que a construção do sujeito está intimamente ligada com a construção coletiva, ou seja, o meio influenciando o ser em construção.

Souza (2021, p.115) dizer que: “Assim, ser negro não é condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. ”

Ao pensar na construção da subjetividade da mulher negra podemos assim dizer que, estamos diante de questões políticas, educacionais e sobretudo da subjetividade do ser que se torna, que se constrói diante de suas vivências e interdições sofridas ao longo de sua caminhada existencial.

E é nesse sentido, que vamos no próximo tópico pensar na construção da subjetividade da mulher negra e sua luta por identidade.

2.1 A construção da subjetividade da mulher negra

Ser uma mulher retinta em um país como o Brasil é uma constante construção de identidade e subjetividade. Somos violentadas tanto fisicamente quanto psicologicamente, de maneira cruel e constante sem refresco para nossas almas e corpos dilacerados pelas construções sociais que nos são impostas constantemente pelos padrões culturais europeus, que muitas das vezes nos obrigam a anular nossos corpos, histórias e ideais para sermos falsamente aceitas nessa sociedade europeizada que não representa verdadeiramente o povo brasileiro.

Segundo levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2020 a população que se declara como parda ou negra ultrapassa a marca de 56%. Em números somos muitas e muitos mas, ainda assim, somos taxados de minoria social. Chega a ser irônico pensar que a minoria de um país é a sua maioria em número populacional. Mas, estamos falando de Brasil, ser negra, mulher e professora, trata-se da minoria da minoria, porque fazemos parte de grupos sociais historicamente excluídos de garantia de direitos essenciais por questões de origem, étnicas, por questões de gênero e sexualidade e ainda pomenorizadas financeiramente.

Desse modo ressaltamos, assim como Sueli Carneiro (2003), que as mulheres negras “tiveram uma experiência diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher”, somos vistas como mulheres fortes amas de leite, lavadeiras, cozinheiras, faxineiras e até mesmo, mulheres que trabalham na lavoura na chamada “lida” sempre prontas para o trabalho, seja ele qual for, também por sermos mulheres que cujo os antepassados foram brutalmente escravizados e taxados de animais, somos vistas como sujeitos sem sentimentos e por isso somos violentadas de inúmeras maneiras.

Então, a nossa luta feminista é diferente das outras mulheres que nasceram com a melanina valorizada socialmente. Pensar e falar sobre isso dói, mas se faz necessário expor nossas dores, mesmo que em muitos casos não somos levadas em consideração. Sendo assim, se faz necessário que nossa voz venha cada vez mais potente, para assim, construir uma nova história para as gerações futuras.

A escravidão para muitas de nós ainda não teve fim, prova disso é que há bem pouco tempo fomos surpreendidas e surpreendidos pelo caso de Madalena, mulher negra escravizada desde os oito anos de idade, vivendo assim por quarenta anos trabalhando como doméstica sem remuneração. “Fui pedir pão porque tinha fome, mas ela me disse que não me daria se eu não ficasse morando com

ela” (Madalena no Jornal EL PAÍS em 14 de janeiro de 2021) e na mesma reportagem veiculada pelo jornal:

Madalena Gordiano tinha oito anos quando bateu em uma porta para pedir comida. Alguém convidou para entrar aquela menina negra que tinha uma irmã gêmea e outros sete irmãos. A dona da casa, uma professora branca, prometeu adotá-la. Sua mãe aceitou. Mas ela nunca foi adotada nem voltou à escola. Cozinhar, lavar, limpar banheiros, tirar o pó, arrumar a casa da família de Maria das Graças Milagres Rigueira se tornou sua rotina diária durante as quatro décadas seguintes. Esta vítima da exploração racista era uma escrava do século XXI na casa de uma família abastada em um prédio de apartamentos em uma cidade de Minas Gerais. Nunca teve salário, dias de folga ou férias, de acordo com os procuradores que investigam o caso. Quando Gordiano foi resgatada, em 27 de novembro, era uma mulher de 46 anos com cabelos muito curtos e grande dificuldade para se expressar. (JORNAL EL PAÍS, 2021)

Construir nossa subjetividade, nada mais é do que dar voz a nós e a outras mulheres como Madalena espalhadas pelo Brasil, precisamos com urgência ter um olhar mais apurado aos gritos que ecoam pelos porões e senzalas espalhadas pelo país. Ao retratar aqui a situação de Madalena entendemos que não é um caso isolado, tendo em vista que nós mulheres negras somos escravizadas a todo momento, mas de maneira sutil e silenciosa, fato que podemos comprovar ao afirmar que temos os menores salários, poucas oportunidades de ascensão social e ainda somos vítimas de inúmeros interdições.

Poderíamos ficar aqui descrevendo minhas histórias e de outras mulheres negras mas não se faz necessário ao nosso ver nos ater a essas narrativas, neste momento do ensaio, pois não é nosso objetivo. Queremos aqui pensar na construção subjetiva de uma mulher negra e ao definir essa temática concordamos com os dizeres de Souza (2021, p. 55) de que “[...], como objeto da opressão, cabe ao negro a vanguarda dessa luta, assumindo o lugar de sujeito ativo, lugar de onde se conquista uma real libertação”. Nesse sentido, a construção da nossa real identidade deve ser priorizada, não oportunizando aos nossos “colonizadores” o direito de nos moldar.

Nilma Lino Gomes (2020, p. 19) afirma que:

O racismo e a branquitude, ao operarem em conjunto, lançam dardos venenosos sobre a construção da identidade negra e tentam limitar os indivíduos negros, sobretudo as crianças e mulheres que, ao se mirarem no espelho, veem aquilo que ele _ o racismo _ coloca à sua frente.

Desse modo, cabe ressaltar que cada vez mais as mulheres têm construído suas identidades e aceitando a subjetividade que as acompanham, nos últimos cinco anos estamos assistindo a crescente mudança de postura por parte da população negra, sobretudo as mulheres que estão assumindo seus corpos e histórias, deixando seus cabelos naturais ou trançados, vestindo roupas que valorizam suas identidades

e cultura afro-brasileira e africana. Podemos assim dizer que esta identidade é fruto de uma luta coletiva traçada por décadas por associações negras, o movimento negro, os movimentos de mulheres negras, quilombolas e juventude negra para que nós mulheres negras tenhamos um apoio para construir nossas identidades a partir de movimentos sociais que conhecem e vivem nossas lutas diárias. E, assim entendemos quando ecoa pelas mídias sociais que ninguém deve largar a mão de ninguém, é nesse sentido de dar apoio e compreender a luta das mulheres negras que se instaura a importância dos debates sobre a subjetividade negra, sendo discussão necessária e urgente.

Precisamos evidenciar referências de lutas, conquistas e histórias negras ocorridas para que as novas gerações de mulheres não tenham que passar por tantas interdições. Por isso optamos em nosso trabalho de mestrado pesquisar Luana Tolentino, porque ela atualmente é uma referência para as nossas lutas e no tópico a seguir iremos falar um pouco sobre essa mulher preta, professora, doutoranda, Luana Tolentino, mulher essa que acredita que uma outra educação é possível para todas, todos e todes.

2.2 A mulher negra como objeto de estudo na figura de luana tolentino

Esse recorte se fez preciso já que neste ensaio, almejamos dar visibilidade às contribuições da disciplina para o desenvolvimento da pesquisa, levando em consideração a constituição do sujeito levando em consideração a docência e à produção intelectual de Luana Tolentino. Trabalhar com as docências e com a produção intelectual dessas mulheres é uma oportunidade, como destaca Gomes (2017), para que a mulher negra possa trazer elementos para nos ajudar a compreender o quanto pode ser significativa a dimensão educadora na trajetória de uma mulher negra professora. Ainda no dizer de Gomes (2002, p. 39) a escola não é um espaço em que “aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade”.

Desse modo, indagamos: o que a história educadora de Luana tem a nos dizer sobre a escola? Essa dimensão de se abrir para a escuta das experiências educadoras das mulheres negras professoras ainda é um lugar carente de investigação acadêmica. Nos últimos anos, temos acompanhado o crescimento de pesquisas que problematizam as contribuições das intelectuais negras no campo das relações étnico-raciais e das políticas públicas em prol da equidade racial. Porém, quando se trata de uma mulher professora negra e da educação escolar básica, a produção é menor.

No atual Brasil, as situações de racismo continuam veladas e intensas, assistimos cotidianamente ao genocídio ou encarceramento das juventudes negras. Nesse contexto tão medíocre, propor um problema de pesquisa que abarque situações das questões raciais é algo desafiador. Daí a relevância do nosso objeto de pesquisa, pois não poderia ser diferente, quando se pensa saberes de mulheres negras numa sociedade como a brasileira que carrega o peso do racismo estrutural. Assim, voltar o olhar para a docência e a intelectualidade de uma mulher preta a partir da tríade: educação, educação antirracista e escola é saber que a escola não pode tudo diante das realidades desafiadoras. Mas freireanamente falando, a escola pode alguma coisa. Nesse sentido, seguimos o pressuposto de Nilma Lino Gomes ao demarcar que há saberes que são próprios das pessoas negras, e eles são necessários para uma sociedade brasileira mais justa e menos racista.

Ainda segundo Gomes (2006), esses saberes negros são responsáveis pela criação de novas relações, de novas linguagens e de uma nova ética no processo de interpretação e de reorientação da história colonizadora do Brasil e nela a história da educação escolar. Como partícipes da história do Brasil, esses saberes não são os dos colonizadores, mas são saberes outros.

Portanto, é pelo caminho do aprender o direito de saber-se, aprender que podem saber, sabendo que sabem, que as pessoas negras vão poder borrar aquele longínquo saber aprendido: “a tenra idade, aprendi que o belo, o direito de falar e de exigir eram privilégios dos brancos” (SARTRE *apud* TOLENTINO, 2018, p. 66).

Agora, porém, as pensadoras negras escrevem outras epistemologias, a partir de olhares e lutas que lhes são próprias, recolocando suas afrografias e ancestrais visões de mundo. Atos insurgentes que fazem ressurgir e produzir saberes outros. Para Gomes (2017), o ato de resistência epistemológico das mulheres pretas é um modo de “construção de saberes”. Nesse mesmo sentido, segundo bell hooks, as professoras, as intelectuais negras

[...]subvertem a tendência de focar somente os pensamentos, as atitudes e experiências dos materialmente privilegiados. A pedagogia crítica e a pedagogia feminista são dois paradigmas de ensino alternativos que realmente deram ênfase à questão de encontrar a própria voz. Esse enfoque se revelou fundamental exatamente por ser tão evidente que os privilégios de raça, sexo e classe dão mais poder a alguns alunos que a outros, concedendo mais “autoridade” a algumas vozes do que a outras (HOOKS, 2005, p. 246).

hooks conclama as mulheres para a tomada de “posse do território intelectual” (2013, p. 91), essa

seria uma forma delas se rebelarem contra uma sociedade, como a brasileira, assentadas no racismo, no machismo, no sexismo e no elitismo. São mulheres que assumem o papel de insurgentes históricas.

Assumir esse papel não é tarefa fácil. Aliás é muito arriscado, já que, como destaca hooks (2005, p. 468), “as insurgentes vão enfrentar o patriarcado capitalista, cuja supremacia branca atua no sentido de negar “às mulheres negras a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito”.

Dessa forma, as intelectuais insurgentes são aquelas cujas práticas e ações são guiadas por uma “ideia radicalmente democrática de liberdade e justiça para todos” (HOOKS, 2013, p. 41). Aquelas que promovem uma luta cotidiana contra o racismo estrutural, contra o racismo escolar. Em consonância com o pensamento de hooks (2005, 2013), queremos a partir da prática docente e da produção intelectual de Luana Tolentino compreender o seu papel como mulher professora negra no chão da escola pública. Quais os saberes são aprendidos da sua luta antirracista e, principalmente, das suas marchas em busca de: uma outra educação possível.

(In) Conclusões

Dentro deste ensaio trabalhamos uma maneira de representação da subjetividade e construção do sujeito, através do olhar sobre as mulheres negras sobretudo as professoras, e ainda focar no nosso sujeito de estudo, Luana Tolentino, mulher negra, professora e atualmente doutoranda que representa para nós e muitas outras mulheres um exemplo de como construir sua identidade e estabelecer sua subjetividade na luta antirracista acreditando que *Outra Educação é Possível*⁴ e ao longo desta discussão podemos entender o quanto é importante que nós mulheres pretas façamos nossa parte para a construção de nossa identidade e compreendemos também, como nós seres subjetivos estamos em construção e que se faz e refaz no social, sempre.

Entender o quanto a subjetividade em nossa caminhada se faz presente foi muito importante para nós ao longo do trabalho desenvolvido, pois, nos guiou a compreender que a mulher negra precisa sobretudo valorizar e dar voz a sua identidade.

Ao longo de nossa escrita muitas vezes nos encontramos sem rumo, pois tratar de algo tão profundo

⁴ Livro de Luana Toletino.

quanto subjetividade a luz de referências das quais se encontram em nosso projeto de mestrado não foi fácil, mas mesmo assim seguimos acreditando que se faz necessário dar voz as mulheres sempre, principalmente quando observamos que os grandes filósofos que trabalhamos ao longo de nosso semestre tratavam-se de homens e brancos em sua maioria pertencentes ao Continente Europeu, muito distante da realidade que estamos tentando pesquisar.

Mas contudo, foram bases sólidas para que chegássemos até aqui. Espero que nos próximos anos possamos ter entre os grandes nomes de estudiosos, mulheres e homens negros que representem a África às suas filosofias ancestrais abordando a valorização do perfil afrodescendente nacional e que nossas academias comecem a buscar por esses mestres dos saberes, escondidos porque infelizmente ainda valorizamos o que vem da Europa.

Referências

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: **Takano Editora**, v. 49, p. 49-58, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

DOMINGUES, P. J. O mito da democracia racial e a mestiçagem em São Paulo no pós-abolição (1889-1930). **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 5, p. 275-292, 2013.

EVARISTO, Conceição. Entrevista. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacaoplural/2017/06/escritora-conceicao-evaristo-e-convidada-do-estacao-plural>. Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

FIGUEIRA, Helena et al. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa**, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr., 2012.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. **Retratos da escola**, v. 2, n. 2/3, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 48 p.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Caso de Madalena, escrava desde os oito anos, expõe legado vivo da

escravidão no Brasil. **EL PAÍS**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-14/madalena-escrava-desde-os-oito-anos-expoe-caso-extremo-de-racismo-no-brasil-do-seculo-xxi.html>. Acesso em: 10/03/2022

HOOKS, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. **São Paulo: WMF Martins Fontes**, 2013.

LADSON-BILLINGS, Gloria; ANTUNES, Cristina. Os guardiões dos sonhos: o ensino bem-sucedido de crianças afro-americanas. **Belo Horizonte: Autêntica**, 2008.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da Unesp**, v. 8, n. 2, 2009.

MARIANO, Júnior, SOUZA, Angelica Ines dos Santos A inserção da mulher negra e de baixa renda no curso de psicologia e os processos de resistência das minorias. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVIII, Nº 000148, 23/11/2018.

SANTANA, Patrícia. **Professor@s negr@s: trajetórias & travessias**. Mazza Edições, 2004.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Mazza Edições, 2021.

TOLENTINO, Luana. Entrevista completa, disponível em: <https://youtu.be/m4djQql7L0s> II

SEMANA NEGRA DO APUBH - 04/11 - Formação inicial de professores e o trabalho com a Educação para as Relações Étnico Raciais com Luana Tolentino (Mestra em Educação pela UFOP) (04/11/2021)

